



## **EM BUSCA DA SABEDORIA PERDIDA: RESENHA DE UM GUIA PARA OS PERPLEXOS**

*In search of the lost wisdom: review of a guide for the perplexed*

Fábio Augusto Guzzo<sup>1</sup>

SCHUMACHER, E. F. **Um guia para os perplexos.** Tradução de Juliana Amato. Campinas, SP: Editora Auster, abril de 2020 (1<sup>a</sup> edição), 180 p.

Economista de formação, autor de *Small is Beautiful: A Study of Economics As If People Mattered* (1973), considerado pela *Times Literary Supplement* um dos cem livros mais influentes desde a II Guerra Mundial, E.F. Schumacher publicou em 1977 *Um guia para os perplexos*, cujo objetivo é recuperar uma cosmovisão que, ao menos no Ocidente, foi esquecida graças ao avanço da ciência moderna. Podemos chamar essa concepção de Sabedoria Tradicional, ancorada, sobretudo, nas filosofias antiga e medieval e nas religiões milenares da humanidade.

O primeiro capítulo do livro – Os mapas filosóficos – fundamenta a necessidade de fazermos uma reavaliação da mentalidade contemporânea. Segundo Schumacher, “nossos mapas atuais dizem para esquecermos o que não pode ser provado; corremos o risco de perder o conhecimento das coisas superiores” (2020, p. 14). Assim, influenciados pelo mapa científico e materialista do mundo moderno, regiões inteiras da realidade desaparecem; somos, portanto, imunizados contra a pergunta pelo sentido da vida.

Um novo mapa deve ser construído: “vamos olhar para o mundo e tentar vê-lo por inteiro” (SCHUMACHER, 2020, p. 17). Para tanto, são estabelecidos quatro pontos de referência – as chamadas “quatro grandes verdades” (i) sobre o mundo, (ii) sobre os recursos do homem para conhecer o mundo, (iii) sobre o aprendizado homem e (iv) sobre viver a vida.

Uma distinção fundamental é estabelecida entre os tipos de mapa disponíveis: o mapa moderno é cético, traçando limites intransponíveis para a mente humana; o mapa tradicional, por sua vez, ainda que considere a fraqueza inerente à mente humana, deixa seus limites em aberto, pois há nesse mapa uma linha vertical, representativa das

<sup>1</sup> Bacharel, licenciado e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Instituto Federal Catarinense - Campus Concórdia. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-9717-4888>

dimensões qualitativas do “mais baixo” e “mais elevado”. O homem, fechado no horizonte vertical, pode ter apenas mais do mesmo; com a possibilidade vertical, estamos abertos ao infinito: “A felicidade do homem é *elevar-se*” (SCHUMACHER , 2020, p. 24, grifo do autor).

O segundo capítulo – Níveis do ser – trata da grande verdade sobre o mundo: há uma cadeia do ser que se divide em quatro níveis: matéria, vida, consciência e autoconsciência. Existe uma diferença ontológica entre esses níveis, explicada pelo autor por meio de uma analogia com as dimensões geométricas: assim como, da elaboração de um ponto geométrico, jamais obteremos uma linha unidimensional, de uma linha uma superfície bidimensional e de uma superfície um sólido tridimensional, o ser humano, caracterizando-se pela autoconsciência, abarca os demais níveis do ser, sendo irredutível a eles.

Aqui é dado um primeiro passo no argumento contra o cientificismo materialista: a física e a química lidam com a matéria, ou seja, podem até lidar com o corpo portador de vida, mas não com a vida em si, que se constitui de algo mais que simples matéria. Por isso, as chamadas ciências da vida acabam por esquecer o fenômeno que, desde sua perspectiva materialista, é incompreensível, consequentemente reduzindo tudo à matéria. As humanidades, por sua vez, lidam com o fator consciência, mas não o distinguem da autoconsciência. Por esse motivo, estuda-se, por exemplo, o comportamento animal para compreender o comportamento humano, esquecendo do algo a mais que está presente apenas na humanidade. Desse erro intelectual, segundo o autor, origina-se a brutalização do ser humano: esquecemos de nossas capacidades superiores e passamos a ser tratados – e a viver – como animais ou mesmo máquinas. Salientemos que um passo adicional foi dado em nosso século XXI, passamos da confusão epistemológica para a confusão ontológica: fala-se já em trans-humanismo, hibridismo: queremos isso?

Cabe observar que nossa finalidade está inscrita em nossa natureza, mas ela não vem pronta. Schumacher nos dá, assim, uma caracterização teleológica do ser humano: “As forças da autoconsciência são, essencialmente, potencialidades ilimitadas, e não atualidades. Elas devem ser desenvolvidas e ‘atualizadas’ por cada ser humano individual que queira tornar-se verdadeiramente humano, ou seja, uma *pessoa*” (SCHUMACHER, 2020, p. 35, grifo do autor). Noto que, dessa concepção, deriva-se uma possível filosofia da educação: se tratarmos, em nossas escolas, apenas da sobrevivência, das habilidades necessárias ao “mundo do trabalho”, jamais desenvolveremos nossa finalidade intrínseca.

O terceiro capítulo – Progressões – analisa o movimento que percorre os quatro níveis do ser. Uma das características desse movimento é a passagem da passividade para a atividade. No ser humano, atividade da autoconsciência ocorre por meio da vontade, cuja independência em relação à matéria – o nível mais passivo – nos garante a liberdade. Ademais, só existe liberdade quando existe interioridade, o reduto humano que nos isola da necessidade presente no mundo físico.

A ascensão na dimensão vertical do ser vai sempre em direção à integridade, ou seja, à unidade interna que permite ao homem agir e não apenas sofrer ações. Simultaneamente, passa-se da visibilidade para a invisibilidade: nossa personalidade encontra-se no mais secreto âmbito de nosso ser. Notamos, aqui, ecos das filosofias antigas: também o diálogo socrático e a confissão agostiniana identificavam na interioridade humana a origem do conhecimento.

Reconhecendo a nossa invisibilidade, Schumacher acrescenta, é natural que aceitemos a existência de outros âmbitos invisíveis para além do ser humano: “*homo non proprie humanus est sed superhumanus est*” (2020, p. 53), essa definição escolástica do homem, da qual a estrutura hierárquica do ser é uma pressuposição, já apontava para a capacidade humana da autotranscendência. Sendo assim, quanto mais profundo o mergulho na interioridade, maior será o nosso mundo, nossas possibilidades cognitivas e existenciais. O homem moderno, contudo, preso pela perspectiva materialista, conhece apenas aquilo que é visível, aquilo que pode ser contado, pesado e medido pelas ciências físicas. Esses limites intelectuais determinarão suas possibilidades vitais. Como diz Schumacher, “seu nível de ser atrai a sua vida” (2020, p. 50).

Se a premissa das “progressões” estiver correta, percebemos a urgência em reconstruir o mapa tradicional. Percebemos também como a filosofia não consiste apenas em teorias sem consequências práticas. Como nos ensina Luc Ferry em *Aprender a viver* (cf. 2010, pp. 25-8), a teoria vem antes da sabedoria: essa pode ser alcançada somente se conhecermos, previamente, o nosso campo de ação. Assim, é a nossa cosmovisão que possibilitará a nossa felicidade.

O quarto capítulo – Adaequatio I – investiga o princípio de adequação, a segunda grande verdade do mapa a ser reconstruído pelo autor. Tal princípio é expresso na máxima de Plotino: “Saber exige o órgão adequado ao objeto”, ou seja, existe uma correspondência entre os níveis de ser e níveis da capacidade cognitiva do homem. Assim, não podemos conhecer um nível superior por meio de uma capacidade inferior. Por consequência, há muitas diferenças entre os indivíduos, pois falta a muitos a adequação

intelectual aos objetos superiores: “a sua fé exclui a possibilidade dessa existência” (SCHUMACHER, 2020, p. 61).

Diagnostiquemos o nosso tempo a partir das ideias lançadas por Schumacher: se o materialismo rebaixou a tal ponto um certo número de pessoas, obviamente não há solução para o debate entre ciência e religião. É possível que a atual rejeição à última se deva não a um fator racional, mas a um fator cultural, a uma mera incapacidade de vermos aquilo que os antigos viam. Recorrendo a Thomas Kuhn, podemos dizer que *nossa paradigma é diferente*. Afinal, sem um objeto em comum, de que modo poderia haver um confronto entre as culturas científica e religiosa? É uma luta em que cada golpe perde-se no ar, em que só se pode atingir um adversário imaginário.

Percebemos como interligam-se os âmbitos da ontologia, da epistemologia, da psicologia e da ética. Schumacher enfatiza o papel da fé porque ela “possui uma verdade oculta” (2020, p. 61). Qual é o problema do materialista, então? Ele não tem a fé adequada. É até mesmo verossímil, eu diria, estar diante de um nível superior do ser e ainda assim não vê-lo: sem a fé, sem o arcabouço intelectual – sem o mapa adequado para nos guiar – simplesmente não reconheceremos a distinção entre o inferior e o superior. O conhecimento não é apenas um ato intelectual, mas também um ato moral: cabe sempre ao homem a *decisão* de não crer.

No quinto capítulo – Adaequatio II – são abordadas as causas e consequências da cosmovisão científica. O modelo matemático do mundo buscou, por exemplo, neutralizar a subjetividade do observador. Para tanto, resta à ciência apenas a quantidade, perdendo de vista toda a dimensão qualitativa da experiência humana. O conhecimento matemático da natureza produziu, além disso, uma ciência da manipulação: limitado ao mundo material, restou ao homem, como objetivo máximo de seus esforços intelectuais, modificá-lo conforme seus interesses pessoais. Note-se aqui a contradição dessa atitude: desqualificar a subjetividade humana naquilo que ela tem de universal – a experiência comum – para entronizá-la novamente, agora naquilo que ela tem de arbitrário.

O capítulo seis – Os quatro campos do saber - campo um – inicia a análise da terceira grande verdade: os caminhos do nosso aprendizado no mundo. A reconstituição de uma visão abrangente da realidade se daria a partir de duas dualidades: eu/mundo e aparência exteriores/experiência interiores, que resultam em quatro perguntas: (i) como me sinto?, (ii) como você se sente?, (iii) o que eu aparento? e (iv) o que você aparenta?

A primeira pergunta refere-se ao nível da autoconsciência, que é analisada de acordo com a psicologia tradicional. As tradições espirituais do taoísmo, do budismo e

do cristianismo, por exemplo, apontam para o mundo interior como o sendo a dimensão onde se realiza a autotranscendência humana. A exploração de nossa interioridade requer o poder da atenção, e Schumacher pergunta-se, nos anos 70, se ainda tínhamos o domínio dela. Passados cinqüenta anos, em meio à enxurrada de informações proporcionadas pela internet, a pergunta torna-se ainda mais pertinente.

Na tradição, o método budista da atenção plena, o método cristão da oração incessante e o método indiano da yoga são caminhos propostos para a intensificação do que temos de superior: “no nível humano do ser, a *invisibilia* possui uma força infinitamente maior que a *visibilia...*” (SCHUMACHER, 2020, p. 98). Desligar-se dos conteúdos empíricos e apegar-se à autoconsciência: assim atingiremos o “ego puro”, o “eu”, o “vazio” ou o “poder divino” (cf. SCHUMACHER, 2020, p. 103).

Saber o que os outros sentem – o segundo campo do saber, tema do sétimo capítulo – envolve duas traduções: na primeira, o falante deve traduzir seu pensamento em formas visíveis; na segunda, o ouvinte deve traduzir esses sinais em pensamento seu. Sob essas duas condições é possível um “encontro de mentes”. Basicamente, a sabedoria tradicional ensina que o conhecimento dos outros depende do autoconhecimento. Assim, ele deve vir antes: devo conhecer-me interiormente, descobrir e atualizar minhas capacidades superiores para conseguir traduzir os outros como pessoas e não como animais ou máquinas. Ao final do capítulo, como exemplo de pessoas que atingiram o auge do desenvolvimento interior, são brevemente narradas as vidas de Jakob Lorber, Edgar Cayce e Therese Neumann, que, transcendendo o nível da humanidade comum, tornaram-se verdadeiramente humanos.

No terceiro campo do saber – assunto do oitavo capítulo –, trata-se de “conhecer a mim mesmo como fenômeno objetivo”, o que envolve equilibrar nossas intenções (*invisibilia*) e nossas ações (*visibilia*). A meta é nos vermos com os olhos dos outros, um exercício de humildade que requer a auto-observação acrítica. Necessário para a vida em sociedade, o altruísmo é desenvolvido após eu conseguir perceber-me como uma pessoa entre outras, com todas as suas imperfeições e contradições.

O nono capítulo analisa o quarto campo do saber – a aparência do mundo à nossa volta. Ela pode ser objetivo de dois tipos de ciência: (i) as ciências instrucionais (caracterizadas pela manipulação de seus objetos) baseiam-se nos aspectos inanimados da natureza; (ii) as ciências descritivas (caracterizadas pela compreensão), por outro lado, baseiam-se nos níveis superiores do ser. Schumacher observa o seguinte: quanto mais

maduro o objeto da ciência, ou seja, quando mais livre e, portanto, mais imprevisível, menos madura é a ciência correspondente.

Ou seja, alcançamos a exatidão científica ao preço da arbitrariedade. Para as ciências instrucionais não há distinção entre epistemologia e ontologia (cf. SCHUMACHER, 2020, p. 140), ou seja, não há nada para além daquilo que a ciência determinou como passível de ser investigado por seus próprios métodos. Num mundo dominado por esse tipo de ciência, teríamos aquilo que Ortega denunciou em seu livro *Lições de Metafísica*: estamos substituindo a experiência primária pela experiência secundária (cf. Ortega y Gasset, 2019).

Além disso, as ciências da manipulação estariam, através da tecnologia delas decorrentes, moldando nossas vidas em dois sentidos: inicialmente, nossa própria atenção passa a importar-se somente com os aspectos manipuláveis da natureza, instaurando uma mentalidade exclusivamente utilitarista; em segundo lugar, o próprio ser humano passa a ser tratado como um objeto manipulável pela ciência, que determina as regras a serem preenchidas pelo indivíduo.

Seguindo os passos de Josef Pieper, a tese de Schumacher poderia ser complementada no seguinte sentido: se a concepção matemática da realidade trouxe consigo o predomínio das ciências da manipulação, paralelamente consolidou-se o mundo do trabalho e a noção de que “o ser humano é funcionário, mesmo nas formas mais elevadas de sua atuação” (PIEPER, 2020, p. 63). Consequentemente, são aceitáveis em nossa sociedade apenas as atividades úteis. Sem a atividade inútil da contemplação, o ócio enquanto “silêncio que condiciona a percepção da realidade (PIEPER, 2020, p. 71) torna-se impensável. Na era do *streaming*, não seria correto dizer que o entretenimento tomou o lugar da contemplação? Enfim, notemos a força do mapa a ser combatido por Schumacher: ele envolve toda uma ontologia que transforma até mesmo um estado originariamente teológico – o ócio, a contemplação – em necessidade a ser satisfeita pelo mercado.

No décimo e último capítulo – Dois tipos de problema – afirma-se que “viver significa *lutar* [...] resolver problemas” (SCHUMACHER, 2020, p. 155, grifo do autor), que podem ser de dois tipos: existem os problemas convergentes – relativos aos aspectos mortos da realidade – em que naturalmente as respostas levam para o mesmo destino; contudo, “a vida é maior que a lógica” (SCHUMACHER, 2020, p. 158), e os problemas divergentes – relativos aos aspectos livres da realidade – não podem ser solucionados pela lógica linear, segundo a qual, se uma resposta é correta, sua contrária não o é. Por



exemplo: na educação temos a tensão entre liberdade e obediência, ambas necessárias para tal atividade. Na vida prática, tais problemas só podem ser resolvidos pelas forças superiores do homem, tais como o amor, a empatia, a compreensão e a compaixão. É na tensão dos opostos, afirma Schumacher, que a autoconsciência intensifica-se, impulsiona-se para o alto e dissolve a oposição.

É nesse sentido que algumas das páginas finais do livro são dedicadas à arte, cuja importância é a de nos despertar para “*aquilo que realmente desejamos fazer, mas nos esquecemos*” (SCHUMACHER, 2020, p. 167, grifo do autor). Trata-se de uma jornada humana, impossível de ser empreendida por um computador; portanto, é a arte, e não a lógica ou a ciência – ao menos não a ciência instrucional – que pode nos servir de ferramenta para enfrentarmos os problemas divergentes.

Encontramos, em *Um guia para os perplexos*, sobretudo uma alternativa para todos aqueles que sentem algo de errado em nossa sociedade tecnológica, cada vez mais *online*, cada vez mais veloz e barulhenta. Temos em abundância, mas um mal-estar permanece: o sucesso material não trouxe consigo a felicidade. Muitas vezes encontramos no mercado várias opções para preencher nossa busca espiritual, mas como distinguir a espiritualidade autêntica da falsa? Se o leitor pensa, como Schumacher, que “[a] *experiência moderna da vida sem religião fracassou*” (2020, p. 177, grifo do autor), ele tem em mãos um novo mapa para reorientá-lo em seu caminho.

## REFERÊNCIAS

FERRY, Luc. **Aprender a viver**. Tradução de Véra Lucia dos Reis. 2ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ORTEGA Y GASSET, José. **Lições de metafísica**. Tradução de Felipe Denardi. Campinas: Vide Editorial, 2019.

PIEPER, Josef. **Ócio e contemplação**. Tradução de Alfred J. Keller. Campinas, SP: Kíron, 2020.

SCHUMACHER, E. F. **Um guia para os perplexos**. Tradução de Juliana Amato. Campinas, SP: Editora Auster, abril de 2020 (1ª edição).